



XIII ENEM



Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

O OFÍCIO DE PROFESSORAS DE MATEMÁTICA: UMA CONVERSA ENTRE DUAS PROFESSORAS E UM LIVRO

Jussara Brigo¹

Cássia Aline Schuck²

Claudia Regina Flores³

Resumo

Esta comunicação apresenta alguns exercícios de pensamentos que emergem quando duas professoras de matemática, ambas estudantes de doutorado com suas teses em andamento, colocam o livro “Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor”, de Jorge Larrosa, sobre a mesa e olham com atenção para ele e para suas práticas em sala de aula. A conversa apresentada utilizou como ferramenta de comunicação entre ambas o correio eletrônico (e-mail) e fez parte de uma atividade proposta pelo autor do livro em um curso ministrado em 2018. Entende-se que narrar os detalhes deste acontecimento em um evento que trata da Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica é colocar em jogo outros elementos que compõem os processos formativos e que atravessam as identidades de profissionais de professores que ensinam matemática na Educação Básica, em especial, os que concebem o(a) professor(a) (de matemática) como um sujeito de ofício com modos e maneiras próprias de ser e estar professor(a). Para isso, num primeiro momento se contextualiza a conversa e como ela emergiu entre as duas professoras. Na sequência se apresenta a conversa na íntegra. Para finalizar aponta-se algumas potencialidades dessa conversa e alguns detalhes para a subjetividade docente.

Palavras-chave: identidade docente; processos formativos; ofício.

1. Introdução

O dia a dia dos professores da Educação Básica é atravessado por tantas demandas e percebe-se na prática pedagógica que somos cobrados por tantas coisas que muitas vezes nos esquecemos de quem somos. São tantas cobranças que pensar sobre a

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina e professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. E-mail: brigojussara@gmail.com.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina e professora do Instituto Federal Catarinense – Campus Blumenau. E-mail: cassia.schuck@ifc.edu.br

³ Doutora em Educação Científica e Tecnológica e professora no Departamento de Metodologia de Ensino no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: claudiareginaflores@gmail.com



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula sua identidade docente e os processos formativos que o envolvem ficam muitas vezes a margem da profissão, pois, na maioria das vezes, nos deparamos com a “ação” de fugir de um sujeito que não pode perder tempo, que não pode ficar para trás em relação aos demais - seja no âmbito local ou global -, no qual o currículo e a escola se organizam em “pacotes” cada vez mais numerosos e curtos - eixos, objetivos, anos/série, bimestre, - e com isso vivem acelerados e com a sensação de que nunca vencerão os objetivos propostos para cada ano. Segundo Larrosa (2017),

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que não pode perder tempo, como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece. (2017, p. 23).

Então, pensou-se que narrar o que acontece com duas professoras que ensinam matemática na Educação Básica pudesse apresentar os pormenores que atravessam a identidade dessas professoras-pesquisadoras-doutorandas e o modo como suas subjetividades vão se constituindo deslocando de uma educação acelerada e que nada nos acontece. Assim, a conversa que será apresentada emerge de duas colegas que estudam juntas, na trajetória do doutorado, e pensam no seu ofício de professoras de matemática na Educação Básica. Cabe sinalizar que a (ex)-posição (sujeito e posição) aqui apresentada, também, compõe um “Diário de Encontros” e atravessam uma pesquisa de doutorado (ainda em andamento) com professores que ensinam matemática nos anos iniciais, na qual opera-se com a concepção do professor como um sujeito de ofício.

2. Do espírito artesão ao espírito padrão: sobre a formação teórica

O baixista, o carpinteiro, a cozinheira, o cantor, o barqueiro e o trompetista são alguns dos personagens do filme *No Mundo*, de Tao Ruspoli, e mostram, entre outras coisas, que a maneira com que cada desses profissionais encara o ofício “[...]os faz ser originais ou singulares” (LARROSA, 2018, p. 129) e isso não é espontâneo “[...] mas depende da apropriação de um fundo de modos de fazer, de modelos prévios, costumes, convenções e práticas assentadas que constituem uma tradição em que é preciso confiar porque só desde ela, ou a partir dela, podem se sentir livres” (idem).

Estas profissões e suas diferentes maneiras de “ser-no-mundo” também colocam em jogo o ofício do professor e o sentimento de liberdade. No entanto, com esse entendimento, suspeita-se, como a maioria dos demais ofícios, que ele “[...] tem sido quase totalmente desqualificado.” (LARROSA, 2018, p. 41) e, talvez, corre-se grandes riscos de deixar de ser artesanal “[...] por isso, fale-se constantemente dos conhecimentos,



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula das competências, da eficácia ou da qualidade do professor, mas não mais de suas mãos, seus gestos, ou suas maneiras.” (ibidem, p. 41).

Então, a conversa que se apresenta vem contra essa corrente que desqualifica “as mãos” e “as maneiras” do ofício do professor e coloca o trabalho do professor como um profissional fabricado com procedimentos “estereotipados”, “objetiváveis” e “avaliáveis”.

Conceber e operar com a nomenclatura “professor” e seu “ofício” para com aqueles sujeitos que ensinam matemática na Educação Básica foram entendimentos que emergiram com a pesquisa de doutorado, pois a nomeação “Educador(es) Matemático(s)” acompanhou-nos por muitos anos. No entanto, quando se entende a figura pedagógica, na perspectiva dos filósofos Rancière (2017) e Masschelein e Simons (2017), começa-se a suspeitar dessa nomeação e das concepções que essa nomenclatura carrega, então as concepções a respeito das figuras pedagógicas que habitam a escola e como a nomeamos pôde ser problematizada.

Masschelein e Simons (2017) apresentam o professor como aquele sujeito que ama e compreende seu ofício, um mestre que faz a escolha consciente de remover seu ofício ou negócio da esfera produtiva e não o realiza em uma oficina, ou em um negócio, mas na escola. Esse perfil profissional difere-se de outras profissões, como por exemplo, de um psicólogo, sociólogo, engenheiro, ... Por isso, é tido pelos filósofos como uma figura pública -figura pedagógica-, é um artista que tem uma arte especial, uma arte incorporada, que corresponde a uma maneira de vida, em especial como aquele que faz a escola, que faz com que a escola seja escola e não outro espaço,

A arte de disciplinar não é apenas a arte de manter a ordem, como gostamos de acreditar, mas é também a arte de utilizar as técnicas certas para criar a atenção e o foco na sala de aula. É a disciplina não como submissão muda e punição, mas como uma técnica de atenção. E a arte de apresentar não é apenas a arte de tornar algo conhecido; é a arte de fazer algo existir, a arte de dar autoridade a um pensamento, um número, uma letra, um gesto, um movimento ou uma ação e, nesse sentido, ela traz esse algo para a vida. É a arte de trazer algo para a proximidade, envolvendo-o e oferecendo-o (MASSCHELEIN; SIMONS, 2015, p. 132).

Então no encontro com Rancière (2017), Masschelein e Simons (2017) pensou-se, num primeiro momento, em substituir Educador Matemático por Mestre-Escola. Inventou-se para isso a palavra Mestremátic@s. Pensou-se que Mestremátic@s pudesse nomear as figuras pedagógicas que se aventuram no país do saber (da matéria matemática) em busca de autoemancipação e que experimentam outros exercícios de autoformação, para além dos que são dirigidos linearmente para um resultado específico. Fez-se muitos



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula exercícios de pensamentos com as palavras: professor, educador, mestre, mestre-escola e mestrematic@s. No entanto, Larrosa (2018) nos fez pensar que a palavra que estava em jogo para nomear as figuras pedagógicas era a palavra professora(as), no qual seu ofício consiste em ser um verdadeiro(a) professor(a), “[...] isso que o constitui e o institui como professor, isso que faz um professor no exercício mesmo de ser professor. [...] supõe uma inseparabilidade entre o que se faz e o que se é” (LARROSA, RECHIA, 2018, p. 315-316).

Por fim, entende-se que o sujeito que habita a escola e tem a responsabilidade de apresentar o mundo as gerações mais novas é o professor e seu ofício tem a ver com um encontro amoroso com o mundo e com as gerações mais novas, ou seja, “O ofício de professor tem que ver com o amor. Com o amor do mundo e com o amor à infância como “novidade (no mundo) e como “capacidade de começar.” (LARROSA, RECHIA, 2018, p. 38). Ancorando-se em Arendt (1995) o que se entende por “amor”, não tem a ver com uma disposição romantizada entre duas pessoas, mas tem a ver com uma disposição em partilhar com os outros, de maneira discursiva e ativa, as coisas e os fatos mundanos. Para ela, o “amor mundi” significa cuidado com aquilo que deve permanecer para além de nós mesmos.

3. Uma conversa entre duas professoras e um livro: sobre a metodologia

Cássia é uma professora de matemática do Instituto Federal Catarinense (IFC) - Campus Blumenau, atuando no ensino básico, técnico e tecnológico, desde 2016.

Jussara é uma professora de matemática da rede municipal de Ensino de Florianópolis, licenciada em matemática pela Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2004 e atua como professora no Ensino Fundamental desde 2004.

Ambas são integrantes do GECEM⁴ e têm várias afinidades profissionais e juntas se aventuram pelo mundo das palavras e pela escola (pública) para pensar com a matemática. Uma conversa em (com)-posição⁵.

Abaixo a conversa, datada e os e-mails utilizados como dispositivo de diálogo intitulado *Conversa com a Professora Cássia*.

⁴ O Grupo de Estudos Contemporâneos e Educação Matemática (GECEM) coordenado pela pessoa da Prof.^a Dr.^a Cláudia Regina Flores e junto a UFSC.

⁵ Os livros de LARROSA (2018a) e LARROSA e RECHIA (2018) nos fizeram companhia nessa conversa.



XIII ENEM



Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula
18 de setembro de 2018

Bom dia Cassia!

Você sabe que ontem terminou o curso “*Impedir que o Mundo se Desfaça: seminário especial sobre o ofício de professor*” que eu estava fazendo com professor Jorge Larrosa na FAED/UEDESC. Nesse curso estudamos o livro *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor* e preciso fazer um "exercício" para entregar para meu grupo de trabalho até amanhã à noite. Meu exercício consiste em uma "Conversa com Professor" para fazermos um exercício de pensamento sobre "o ofício de professor".

Somos colegas, amigas e professoras e dentre todos os amigos e colegas professores que me rodeiam eu escolhi você, aceita?

Se você aceitar a gente começa a conversar por e-mail, para que nossa conversa fique escrita e seja compartilhada no *II Seminário Internacional Elogio da Escola* que acontecerá em Florianópolis nos dias 24, 25 e 26 de setembro, ou seja, semana que vem.

Um grande abraço.

18 de setembro de 2018

Bom dia, Ju!

Nossa, como passou rápido, queria muito estar aí contigo, Larrosa e todos, mas é pela demanda de estar iniciando meu exercício de professora, que não pude me ausentar nesse momento de fechamento de trimestre. São muitas as atribuições para além da sala de aula!!!

Quando peguei meu celular e vi a notificação do seu e-mail, num primeiro momento li somente o assunto e pensei que fosse mais um desses e-mails que colocam seu nome para causar impacto e, em seguida, pedir que assine um baixo assinado, faça uma doação, publique alguma escrita, etc.

Ainda me é estranho o som das palavras "professora Cássia", que colocas no assunto dessa "conversa". Quando ouço nos corredores meu corpo "meio que para", elas soam responsabilidade, confiança, admiração, mas também clamam, atenção, cuidado, afeto.

Enfim, como minha amiga, antes de mais nada, sabes que "sou nova" nesse meio e mais que falar, gosto de escutar, ficar atenta aos gestos que, inclusive você, como inspiração de professora que és, faz.

Mas vamos lá! Sempre juntas 😊! Me diga aí o que passa-fica-pegá?!
Beijooo

18 de setembro de 2018

Cassia,

Que bom que aceitou o desafio de conversar comigo sobre a Cassia Professora! Num primeiro momento eu pensei que seria simples minha tarefa de “Conversa com Professor” que me fora dado como exercício no curso, pois estou rodeada de professores, meu companheiro André é professor e todos os meus melhores amigos e amigas são professores, isso seria muito simples.

Até pensei que gravar fosse uma estratégia interessante para ouvir e apresentar a voz do professor e o que ele tem a dizer “sobre o ofício de professor”. Conversei com Luiz, aquele amado que fizemos o curso do Deleuze, para ver a viabilidade de colocar os áudios dessas conversas no *II Seminário Internacional*. No entanto, acho que o



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

estudo do livro e curso me forçaram a pensar que esse era um exercício difícil, em especial, no que tange o modo de como iniciar e manter pelo tempo disponível para realizar a tarefa de conversar com um professor sobre o seu ofício.

Depois de muito pensar e de pedir orientação para o Professor Jorge sobre o exercício que tinha que realizar, decidi iniciar uma conversa com uma professora que teria acesso ao livro estudado no curso. Pois você não pode participar do curso, mas comprou o livro, então, talvez, algumas partes do livro podem ser trazidos para nossa conversa. E, também pensei que você teria disponibilidade, ou inventaria algum tempo, para conversar por e-mail no período de um dia comigo se fosse necessário.

Bom, então escolhi você para essa conversa, mas te digo que não foi nada fácil iniciar essa conversa com a Cassia Professora, por e-mail, sem te sinalizar que estaria comigo nesse exercício, pois sempre conversamos muito sobre tudo usando o WhatsApp e ou olhando “olho no olho”. Talvez tenha aproveitado o sol que resolver brilhar nesta manhã de terça-feira para fazer isso!

Fiquei pensando...pensando e pensando por onde começar, por onde suspender tudo o que nos afeta como amigas e companheiras e conversar sobre o “ofício de professora”.

Bom, talvez, você pudesse contar um pouco mais para nós - eu e os demais leitores- o que você chama de “estar iniciando meu exercício de professora” e também mais detalhes dos ecos das palavras “professora Cássia” que vocês descreve que clamam por responsabilidade, confiança, admiração, atenção, cuidado e afeto...

18 de setembro de 2018

Oi, Ju!

Sim, o livro está aqui do meu ladinho, me chamando para lê-lo, mas... ainda não foi possível! Apenas li sua orelha, dei uma folhada e li sua capa final, o que já me toca de modo especial e me faz parar um instante para pensar nas salas de aula. Escrevo no plural, porque são distintas embora as mesmas, cada uma dependendo de quem está ali comigo estabelece uma "aura" (digamos assim) diferente.

Essa troca de e-mails, embora ainda aligeire a comunicação, não é instantânea como nosso WhatsApp de cada dia, ou nosso olho no olho, abraço no abraço. Entre um e-mail e outro coisas acontecem, aulas se planejam, sim, tenho ainda muitas aulas para dar essa semana, conteúdos se revisitam e se visitam pela primeira vez enquanto algo a ser ensinado, textos se leem e projetos se desenhavam.

Um turbilhão de coisas! Ah, o sol, foquemos no sol! 😊

Suspender o que nos afeta? 😬

Bem, a Cássia como professora Cássia é algo recente, por isso coloquei como "iniciando meu exercício de professora". E ser professora é um exercício continuado. Haja vista este curso que fizeste e tantos outros que temos a nossa volta. Além disso, em minha instituição atuo em níveis distintos ao mesmo tempo, uma loucura muitas vezes. Básico, Técnico, Tecnológico, Graduação e Formação Continuada. Já atuei em TODOS. Foi um exercício diferente em todos! Um início em todos! E antes de estar aqui, minha vivência em sala foi de poucos meses, no ensino fundamental. Juntando tudo não dá 4 anos, mas olha, já aconteceram tantas coisas inusitadas nesse tempo... Dentre elas, descobri que ao ser professora, muitas vezes, o que menos se faz é dar aulas (intrigante, não?). Tem comissões para tudo, demandas de todos os tipos. Muitas vezes, o mais gratificante é o que não é registrado e contado em nossos mecanismos de controle de trabalho. Posso dar o exemplo dos projetos para a Feira de Matemática: quando um aluno chega para ti e expõe seu desejo de enfrentar um desafio junto contigo, aprender



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

contigo, arriscar contigo, isso me parece confiança, afeto, certa admiração, um querer estar contigo, um interesse comum. Ali, a matemática é desejada, embora se apresente complexa em muitos momentos e exijam bastante empenho. A troca de mensagens, de conhecimento, com estes alunos, as viagens de idas e vindas para eventos, conversas sobre a vida e o mundo fora da escola, tudo isso é muito gratificante.

Isso não quer dizer que a matemática não seja desejada em sala de aula nos dias ditos "comuns". Até porque nenhum dia me parece "comum". Todo dia é um desafio, pelo menos para mim. Me lembrei agora da primeira vez que tive que dar aula de geometria espacial, como explicar/mostrar/abordar que no espaço as retas não são apenas paralelas ou oblíquas, mas que poderiam ser reversas? Lembro que minha colega de sala quando me viu com diversos barbantes (para minha "dinâmica" de pensar pontos e retas) me perguntou: "O que tu estás fazendo a tarde toda com isso?", e eu: "pensando em algum modo de ensiná-los sobre isso, uma vez que o quadro plano e a projeção no mesmo, podem não significar a eles o que eu quero que signifique". Bem, uma tarde, para mim iniciante, para 1h30 de aula. Penso que isso melhora com o tempo! E esse tipo de coisa não aprendemos na graduação.

Bem, vou tomar um café! Professor precisa de café! Isso compõe nosso ofício

também, não? 😊

Beijo

19 de setembro de 2018

Bom dia, Cassia!

Ontem quando li seu e-mail fiquei pensando em tudo que estudei e aprendi nessa semana com o curso do Larrosa e a disciplina do Jan. Sim, preciso falar do Jan, pois tive a sensação de que a utopia que Jan propõe para pensar a educação é operada por Larrosa em seu curso e em seu ofício de professor. Na escrita do livro Larrosa faz uma conversa com vários autores, apresenta ideias "complexas" de um modo "simples" na tentativa de aproximar o ofício do professor a dos demais ofícios e de tratar a desqualificação do ofício. Muitos ofícios são apresentados por LARROSA (2018a) na parte "Do espírito Artesão" se quiser pode ver isso nas páginas 127- 130. Ele também faz isso de um modo bastante interessante e especial, narrando o seu modo de ser professor, abrindo para o "mundo" a sua sala de aula, a sua vivência enquanto professor e as suas experiências pelo mundo. Apresenta seus pensamentos, suas conversas com outros professores, seus estudos, seus cursos, seus desafios, seus fracassos e seu amor pelas palavras. Sua escrita também opera com autores que estamos estudando, percebi nas palavras proferidas e escritas de Jorge uma articulação com autores que nos identificamos e estudamos. Foi o maior livro que já li na vida, 523 páginas (enumeradas)... e por sinal ele, ainda é menor que o livro [P] de Professor, que chega até minhas mãos no mesmo mês e que ainda não li (mas está na lista do que irei ler nos próximos dias). Cujas as páginas também usam os mesmos algarismos, porém com uma mudança de ordem dos algarismos 2 e 3, ou seja, são 532 páginas (enumeradas). Se brincarmos um pouco com números, se suspender seu uso que curiosamente foram arranjados para contar páginas destes dois livros, e pensar com os números 2,3 e 5... teremos, talvez, o que seja estudar a matemática pela matemática? Daí fiquei pensando na matemática com 2,3,5... Cinco é o resultado da soma de 2 mais 3, que é igual à soma de 3 mais 2. Aqui a ordem das parcelas não altera o total ou a soma e nem a representação. Agora esses algarismos fossem colocados em um produto tudo mudaria, pois 2×3 é diferente de 3×2 ... A soma dos algarismos dois, três e cinco é igual a dez. E dez é a base do Sistema de Numeração Decimal. Com dez



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

algarismos representamos na base 10 qualquer quantidade. E ainda temos que as contagens e suas representações numéricas são feitas considerando um agrupamento de dez em dez. Por outro lado, misturando a matemática do “dez” com a quantidade de dedos que temos nas mãos, podemos imaginar que esse dez represente as mãos do professor, cujas as “[...] mãos expressivas, que acompanham a sua palavra (essa palavra que convida ou urge ou provoca a falar) e fazem falar (mãos, por extensão, que fazem estudar e que fazem se exercitar (mãos que suscitam e que sustentam o estudo e o exercício)” (LARROSA, 2018a, p.95).

Seria isso alguma “superstição”, algum ritual dos autores destes livros para sustentar a importância do “estudo”, do “exercício” e de “atenção”?...

Além do livro que estudamos o curso também disponibilizou um “caderno”.

Quando olhei para o caderno que ganhamos cuja capa é vermelha, pensei na atenção e na nota baixa que sempre tive na escola em língua portuguesa, e que, agora no doutorado o que mais tenho feito é ler, escrever e aprender com livros, com textos, palavras, sílabas e letras. Quando observei o desenho da capa, em especial para a figura

humana e para a arquitetura da escola, cujos os traços se distanciam de uma representação comum de uma escola e das figuras que habitam a minha memória e vivência na escola, pensei que isso um convite para suspender ideias de professor, de

escola e de estudante do passado e prestar “atenção” no curso? Ao estudar a materialidade da escola encontro o caderno e me dou conta de como esse objeto está cada vez mais raro em tempos “digitais”, se tiver interesse pode ler nas páginas 30 e 31 o autor chama a atenção ao desuso desta ferramenta “[...] aqueles de onde as coisas não caem, mas são sustentadas.” Ah, também ganhamos uma caneta que escreve da cor

verde e que abre meu registro do curso gravando que “Qualquer um pode aprender coisas”. Muitos exercícios de pensamento me atravessaram com o curso e ainda me acompanham e vejo que cada palavra, cada frase e cada parágrafo que escrevemos merece “atenção” e “estudo”, talvez, a conversa que iniciamos será bastante frutífera!

Fiquei pensando com cada palavra, cada frase e cada parágrafo que escreveu. Quando escreveu que cada sala de aula que você entra “estabelece uma “aura” (digamos assim) diferente.” Lembrei de uma seção do livro que trata do “Começar/ repetir um curso” e

talvez de certo modo aponta para isso que você descreve, quando apresenta que “*O ofício de professor é exercido, ainda, em um tempo cíclico, quase camponês. O tempo deste é um ciclo em que tudo acaba, morre, desaparece, mas também é um tempo que tudo volta, retorna, recomeça. Semeia-se, cuida-se, colhe-se, volta-se a semear, a cuidar, a colher. Depois da colheita chega o inverno (tempo de passividade, espera, como também preparação: das ferramentas, da terra, das forças) e depois do tempo, outra (dependendo dos caprichos do clima e das contingências da vida). Uma colheita ruim é uma decepção, as vezes uma tragédia, mas você sempre pode esperar “tempos melhores”, e aí deve recomeçar”* (p.35). Suas palavras também me fizeram pensar em uma outra passagem do livro em que é apresentada a história pessoal concreta do ofício

do professor Jorge na universidade, onde ele escreve que “*Como tenho o hábito de chegar à faculdade muito cedo, costumo ser o primeiro em uma aula ainda vazia, e, depois de deixar minhas coisas sobre a mesa, gosto de ir lá fora fumar um cigarro,*

enquanto vejo nascer o sol, me concentro um pouco sobre a aula e aceno para os alunos que vão chegando; é então quando, de uma parte mais alta, vejo as risadas dos estudantes que saem do metrô e sobem o morro que leva às salas de aula. A imagem sempre me surpreende, e às vezes me pergunto o que é que os faz vir para a

universidade, o que os move a sair de casa e ir para aquele lugar estranho que ainda é chamado de universidade e onde eu e outros professores como eu estamos esperando por eles, com alguns papéis sobre a mesa, para fazer a aula do dia. E também me



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

pergunto o que faço ali, o que me fez também sair de casa e ir para meu local de trabalho com a sensação de que eu vou trabalhar, é claro, que eu vou ganhar a vida fazendo a única coisa que sei fazer, fazendo algo de que também gosto; entretanto talvez eu também esteja indo para “algo mais” do que isso, assim como penso que alguns dos alunos também sobem a colina com a secreta esperança de que lá, na sala de aula, aconteça “algo mais” que nos faz sentir, ainda que obscuramente, que o que vamos fazer durante o dia, se o fizermos o melhor que podemos e se colocarmos nele o melhor que somos, talvez não tenha a ver apenas com transmissão de conteúdo ou com a obtenção de resultados de aprendizagem. (p.116)

Outra coisa que me fez pensar foi quando você apresenta o modo como apresentou a geometria para os alunos e no diálogo com sua colega professora onde ela te pergunta “O que tu estás fazendo a tarde toda com isso?” nessa parte, pensei no “professor amateu” aquela figura pedagógica que ama sua matéria e compartilha-a. Esse “professor” foi muitas vezes citados por Jorge no curso e também lembrei de numa passagem do livro “Em defesa da escola: uma questão pública” em que os autores apontam que o “professor amateu”, “Não só é conhecedor de matemática, mas apaixonado pelo assunto, inspirado por seu trabalho e pelo material.”(p.77).

Ah, preciso de um almoço! Pois, também aprendi em “Dunas e Catedrais” (pg.404) que a escola está para o mundo para cuidar do mundo, e de certa forma isso faz com que sejamos “animais mundanos”, os quais se relacionam com as “coisas” do mundo. Essas “coisas” podem ser de comer, de usar ou de admirar...

Um beijo e seguimos conversando, pois, minha tarefa se estendeu até sexta-feira!

20 de setembro de 2018

Boa tarde, Ju!

Como estão as coisas por aí?

Desculpa por retornar só agora, fiquei envolvida com as aulas aqui e outras demandas. Iniciei, não pelo começo, a degustação do livro, seguindo tua sugestão "do espírito artesão". A epígrafe me chama a atenção "amplia o cotidiano e nada mais", ainda estou pensando sobre isso...Suspende e toma a matemática pela matemática. Eis aí o que me parece que desaprendemos há bastante tempo na escola. Hoje tudo parece nos sufocar, nos cobrar. Difícil suspender, não? É vestibular, ENEM, processo de seleção. Como trabalho nos cursos técnicos, vejo que muitas vezes não há mais no currículo Matemática, apenas Matemática Aplicada. Como criar um espaço de suspensão aí? Não estou dizendo que não há, mas não sei ao certo como proporcioná-lo.

Que interessante isso dos números 2, 3 e 5. Eles são os três primeiros primos do conjunto dos números primos. Entre eles está o único número primo que é par. Só me intriguei com uma coisa: " 2×3 é diferente de 3×2 " é? A ordem dos fatores não altera o resultado, ambos os resultados são 6, o sucessor de 5. Penso que não era essa a tua colocação. Mas, voltamos aos números 2, 3 e 5. Também podemos pensar que a combinação de 5 elementos tomados 3 a 3 é igual a combinação de 5 elementos tomados 2 a 2, justamente por termos $2+3=5$! Essa propriedade é conhecida como igualdade de combinações complementares. Eles também são a fatoração do número 30.

Seria isso alguma “superstição”, algum ritual dos autores destes livros para sustentar a importância do “estudo”, do “exercício” e de “atenção”?... ", vale questionar a eles! Do seu caderno, o que mais me chamou atenção, nos segundos que o vi ao sentar ao seu lado no curso do Jan, foi a sua textura. Lembra que passei a mão nele? Nem me lembro da imagem, penso que nem a vi, mas lembro do seu toque, "plástico", intrigante para um



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

caderno, acho que nunca tive um caderno com uma capa assim! Outra coisa que não sei se lembro é de ver todos os meus alunos com cadernos! Os lápis são os dedos, as folhas são a tela. E preciso admitir que esse movimento também me atinge. Estou aqui a escrever-te com os dedos. Leio agora "CADERNO" da pág. 30. Nossa, lembrei-me agora do cuidado que eu tinha com os meus cadernos. Era sagrado todo início de ano a organização dos mesmos. Como não havia dinheiro para comprar os de "capa dura", minha mãe sempre comprava um plástico para revesti-los ou mesmo se aproveitava um plástico ou papel de algum pacote de presente que eu ganhava. Eu media tudo para que todas as dobras ficassem iguais, bonitas. Acho que aí operava uma matemática! Depois eu escolhia uma cor bonita de caneta e colocava na primeira página todas as informações, nome, série, ano, matéria, professora... Depois vinha a parte das margens. Tu também precisavas fazer margens nos cadernos? Que interessante lembrar disso. Hoje os cadernos já têm margem, em sua maioria. Eu passava tardes e tardes com régua e caneta fazendo margens... para que tudo já ficasse "certinho" para iniciar as aulas. Ahh, eu ficava tão triste quando a régua escapava e a linha saia torta, era um problemão aquilo para mim. Veja só!!! Que saudade dos meus cadernos! p.35 (olha o 3 e o 5 aí), sobre começar/repetir um curso, penso que meu sentimento é este, ao começar/repetir um curso, ou até mesmo dar a mesma aula, mesmo conteúdo, para turmas diferentes, é também "outro curso" e realmente isso é um privilégio no nosso ofício de professor.

Quantas coisas já aprendi nesse movimento! Que ofício abençoado!

Bem, novamente a hora do café chegou, hora boa! Só mais uma coisinha a compartilhar! Hoje, almocei com alguns dos meus alunos e alunas, era aniversário de uma delas e, como almoçamos na instituição pelo fato de ser integral o curso, pedimos pizza para comemorar. Conheci melhor cada um e cada uma, além de me sentir lisonjeada por ter sido uma das poucas professoras convidadas. Nesse momento, aprendizados também ocorrem, decisões e angústias se colocam. Foi um momento de pensar nas opções de cursos que eles têm para fazer no próximo ano, bem como o momento de eu saber que existem uma infinidade de aplicativos que "brincam" com nossa imagem, aprendi que em um Boomerang é preciso fazer algum movimento, mesmo que singelo, e que a moda é usar a imagem para Stories, que ficam à disposição apenas algumas horas e não mais uma imagem para eternizar o momento. Quanta mudança para o uso da imagem, não??? Cabe pensarmos!

Abraço!

20 de setembro de 2018.

Boa tarde Cassia,

Por aqui tudo certo, hoje fez um dia nublado, mas bem quente, a primavera se aproxima e com sua chegada as pessoas saem para a rua, abrem suas casas e vão à praia. Hoje espiei o mar e tem bastante turistas por aqui, grupos de estudantes que aproveitam a baixa temporada para vir para a praia.

Estou lendo e estudando o livro *[P] de professor*, e na letra do meu nome, a letra J, tem a palavra Jan na página 243, e Larrosa diz que "Este livro não teria sido possível sem Jan Masschelein." e isso tem a ver com aquilo que eu suspeitava, ele diz "Jan, o exemplo de Jan, está muito presente em minhas maneiras e ser professor."

Não precisa pedir desculpas por me dar o retorno só agora, eu entendo a sua demanda de trabalho e agradeço imensamente seu empenho em estar comigo nesse exercício, sei que ele exige seu "tempo" e sua "atenção".



XIII ENEM

Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

Acho que esse livro é assim mesmo a gente pode ler ele sem seguir uma sequência definida o leitor escolhe o que tem interesse em ler e estudar, pois foi assim que estudamos ele no curso.

Para pensarmos nessa suspensão do tomar a matemática pela matemática, acho que a epígrafe da página 229 que abre “Dificuldade da Escola” nos ajudará a continuar pensando... *“E perguntei ao oráculo que verdejava: “o que tenho que fazer”, e do verde que ondulava saiu: “Continue com o que está fazendo”. E perguntei ao oráculo que verdejava: “aonde eu tenho que ir? E do verde que ondeava saiu: “continue andando””*.

Interessante isso dá sequência dos primos, da combinação, e quantas outras coisas podem ser pensadas com 2,3,5 ...Então, para mim 2×3 é diferente 3×2 , embora ambos apresentem o mesmo resultado 6, eles representam coisas diferentes. Duas vezes o número três, representa que tenho dois grupos com 3 elementos, já três vezes o número dois são três grupos com dois elementos. Podemos ainda pensar num contexto, por exemplo com estas duas ideias.

Eu também encapava meus cadernos, mas não lembro de fazer margens. Lembro que os professores davam nota pelo caderno, tudo era copiado, sublinhado e respondido. Adorava as canetas coloridas e tinha uma de doze cores, mal consegui segurar na mão.

Meus pais olhavam meus cadernos e dos meus irmãos para ver como estávamos cuidando deles, se estavam muito borrados, várias vezes me fizeram desdobrar as “orelhas de burro” que eu fazia nas pontas dos meus cadernos e dos livros didáticos que também eram encapados com plástico ou papel de presente.

Você escreve que “Outra coisa que não sei se lembro é de ver todos os meus alunos com cadernos! Os lápis são os dedos, as folhas são a tela. E preciso admitir que esse movimento também me atinge” isso me fez pensar nas ferramentas do ofício de professor. Aí fiquei curiosa para saber o que eles levam para a aula e o que você leva para aula?
Abraço!

21 de setembro de 2018.

Ahh, o mar! =)

Me instigasse a abrir outro livro, quero ver o que aparece no C. Para minha surpresa, várias coisas: Caderno, Carga, Carrancudo, Catadores, Comum, Comunicação, Curso. Me chamou atenção Comunicação na página 111. Por que estaria tachado? Bem, parece que há por aí um novo deus chamado comunicação. E algo me remete à algumas discussões que ocorrem em propostas para a educação nessa eleição de 2018. Qual seja: "O velho deus do livro era sem dúvida exigente e autoritário (não em vão foi adorado na época das disciplinas), mas o novo deus da comunicação parece mais liberal, mas não por isso menos poderoso e implacável (a época na qual reina é a do controle)". Essa passagem também me lembra Deleuze e a sociedade do controle. Ai, ai...

Sobre o 3×2 e o 2×3 , imaginei que falava pensando em algum contexto. isso também me fez lembrar de um recorte de alguma tese que já não me recordo o nome da disciplina Tópicos Especiais em Educação Matemática: Aprendizagem e Pensamento que falava sobre o ponto de vista ser a vista de um ponto, seria isso uma besteira?? Eis a questão que nos tomou algum tempo no semestre passado, a besteira.

Bem, preciso dar uma saída agora, a gente também precisa ver amigos, não? Amanhã te conto um pouco mais sobre o que levo e o que me trazem ou trazem para as aulas de matemática, ok?

Uma ótima noite de sexta pela Ilha da magia, ficarei pela capital nacional da cerveja!



XIII ENEM



Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula

Beijoo

21 de setembro de 2018.

Cassia,
Amiga e colega para todas as horas!
Tão difícil quanto iniciar “uma conversa com a Professora Cassia” está o de
terminar essa conversa! Queria ter mais tempo!
Em cada palavra que escreves e leio com “atenção” me coloco a pensar mais e
mais sobre o “ofício da professora”, fico interessada em saber mais e mais sobre a
Cássia professora. Seria essa uma conversa sem fim, ou como dizem nossos estudantes,
algo que nunca acaba? Ou ainda, um “tipo” de conversa mágica, daquelas que você não
sabe como iniciar, mas quando começa não quer mais parar... Seria isso um “tipo” de
infinito, ou uma *Conversa Infinita*? Talvez, sim, veja na página 514...
Ah, se não fossem os amigos e a Ilha da Magia o que de mim seria?
Obrigada por aceitar o desafio de iniciar essa conversa comigo.
Bebe, uma cerveja por mim!
Até breve!

3- (Em)fim outras conversas: considerações finais

A conversa apresentada entre duas professoras de matemática, quaisquer, mostra-se infinita, parece, abrir possibilidades para muitas outras conversas (menores, invisíveis e insignificantes) que podem ser feitas entre professores, matemática e o seu ofício. Conversas que podem despertar a valorização “das mãos” e “das maneiras” de cada um ser e estar professor na Educação Básica de nosso país.

Pensar com o que pode uma conversa entre duas professoras que ensinam matemática é um dos modos de resistir as meta-narrativas, aos modelos de escrita padronizados, aos modelos de formação que visam produzir professores-padronizados e que atendem a “certas demandas” hegemônicas que desconsideram a identidade docente.

4-Agradecimentos

Agradecemos à Prefeitura Municipal de Florianópolis pela licença para aperfeiçoamento, possibilitando o desenvolvimento deste trabalho.

1. Referências

ARENDDT, H. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 7. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LARROSA, J. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.



XIII ENEM



Encontro Nacional de Educação Matemática

Cuiabá/MT - 14 a 17 de Julho de 2019



Educação Matemática com as Escolas da Educação Básica: interfaces entre pesquisas e salas de aula
LARROSA, J.; RECHIA, K. [P] **de Professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**.
Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2. ed.
Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).